

Deslocamentos e Estrangeiridades

332 - junho de 2023

Temática

Fazer casa: notas de um retorno

Mariana Hollweg Dias

A saída para morar em outro país por um tempo pré-determinado foi para mim uma *experiência* com a força que essa palavra tem psicanaliticamente e, sendo assim, seus efeitos reverberam na vida e na clínica. Já tive a oportunidade de contar aqui no Correio as impressões que recolhi da psicanálise lá fora[1]. Hoje gostaria de compartilhar algumas notas sobre o retorno. Onde é mesmo a nossa casa? O que nos permite sentir-nos em casa/fazer casa? Será possível voltar para o mesmo? Do que precisamos para fazer casa? Que efeitos é possível recolher desses deslocamentos?

Divido um recorte da clínica. Alice[2], uma jovem adulta, saíra da casa dos pais já há alguns anos em função dos estudos. Voltou por um curto período e logo saiu novamente, em função do trabalho, mas ainda perto da cidade natal. Mudou-se novamente, agora para um trabalho para o qual vinha se preparando há muito anos, do outro lado do país. Outro clima, outras comidas, outro sotaque, outra cultura. Quando retorna da primeira viagem de visita à cidade natal, me conta com um certo espanto: "Engraçado, faz tanto tempo que eu já saí da casa dos meus pais, mas é a primeira vez que ao visitar eu não me sinto *em casa*. Ainda que eu não queira morar nessa cidade para sempre, agora aqui é a *minha casa*." As diferenças entre si e a família de origem pareceram ainda maiores. E mais "chocante" do que isso, ela não encontrou o acolhimento que esperava. Idealizava uma coisa e viveu outra. Não deu para retornar para a casa dos pais, ou melhor, não deu para retornar para a casa materna da mesma forma.

O que acontece aqui? Ainda estudante, a casa dos pais era a sua também...Mas não mais! O deslocamento não foi só geográfico. Alice deslocou-se subjetivamente. É uma adulta capaz de sustentar seus desejos com todas as dores e delícias dessa nova posição. Essa espécie de estranhamento com o casa dos pais é o que acontece na melhor das hipóteses. É claro que sentir-se ou não acolhida nesse espaço é muito particular, mas experienciá-lo de outra maneira e com expectativas ajustadas é o que se espera.

Não tem nada de extraordinário nesse recorte clínico que escolhi compartilhar com vocês, afinal, é disso que se trata na vida: deslocamentos e reinvenções. E é muito disso que acompanhamos na clínica: momentos de passagens que quando encontram barreiras sejam internas ou externas, trazem sofrimento.

Eliana Betancourt resgata o texto *Romances familiares* de Freud (1908) onde ele fala da fantasia recorrente que crianças e púberes tem de serem adotados, para propor uma analogia com o desejo de migrar. Para Freud, esse devaneio viria quando os pais da infância são desidealizados e, então, na busca de burlar a castração, se imagina pais melhores. "Será que quando decidimos ou ainda sonhamos em mudar de país ou mesmo de cidade existe esta busca por país (pais) que cumpririam a função dos pais aristocratas do Freud? (...) Como no romance familiar, o migrante reconstruiria, no seu imaginário, o país de origem, sempre com o elemento da nostalgia melancólica como tempero dessa reconstrução."

Dessa forma, vemos o quanto os temas comumente abordados quando falamos sobre a mudança de país - ou, de forma mais ampla, sobre as mais variadas situações de migrações sob o ponto de vista psicanalítico - a situação têm suas especificidades mas são questões caras a clínica de uma maneira geral. Fala-se sobre o *estranho familiar* cunhado por Freud; sobre os efeitos de deslocamentos que fazem parte do nosso processo de constituição subjetiva, sobre o encontro com a castração tantas vezes atualizada nessa vivência, sobre construções e referenciais identitários, sobre chegadas e partidas. Todos temas que estão aí para todos, mas que se evidenciam numa situação de estar estrangeiro e de se fazer sujeito em outro lugar que não o de origem.

Quando uso essa expressão *fazer casa*, refiro-me a todas as novas inscrições simbólicas e imaginárias que precisam ser feitas. Inserção numa nova língua, uma nova cultura... tudo novo de novo em busca da construção de um lugar, fantasia de todo o neurótico. Para *fazer casa* há também um trabalho que está nas miudezas do cotidiano: dispor livros e fotos, conhecer o mercado, a farmácia e a padaria mais próximos. Aonde fica a escola? Qual o parque mais próximo? E a biblioteca? Aonde compro tal coisa? Como é mesmo que eu digo isso? E nessas miudezas vamos conhecendo e nos fazendo conhecer, tecendo laços que nos sustentem.

Deixar o que se tem em busca de um novo pode gerar dúvidas e trazer angústias, afinal as garantias imaginárias são colocadas a prova. Mas apesar disso, quando se trata de uma escolha e não de uma migração forçada, a partida ao novo país/lugar traz consigo a dimensão da criação, sempre tão potente. Ao lado das dificuldades que se possa antecipar, há expectativas e apostas que ajudam a sustentar a travessia.

E quanto ao retorno? Assim como há diferentes formas de saída para outro país, existem diversas razões e condições para o retorno. De todo modo, aqui gostaria de pontuar uma questão: será possível retornar?

Na partida a gente leva na mala a bagagem da vida até então e soma com a ansiedade pelo novo, apostando que possa ser promissor. Na volta seria interessante estarmos advertidos de que é improvável que encontremos mais do mesmo. Como a analisante sobre a qual contei lá no início, a casa dos pais não passava perto do que ela lembrava. Há também na volta ao país de origem uma *casa a ser refeita*, percurso que não raramente evoca a nostalgia.

Barbara Cassin, no livro *Nostalgia – cujo sugestivo subtítulo é “When are we ever at home?”* -, conta que nostalgia soa como uma palavra grega; *nostos* (retorno) e *algos* (dor; sofrimento). Assim, poderia ser entendida como a dor do retorno, referindo-se tanto ao sofrimento de quando se está longe quanto às dores que é preciso atravessar para poder retornar. Mas a origem dessa palavra não é grega, e sim suíça. Teria sido inventada para nomear uma doença do qual sofriam os mercenários suíços e que estava relacionada com a saudade de casa, *homesickness*. Odisseia, poema homérico que narra as aventuras de Ulisses e seu retorno sempre adiado à Ítaca, é, segundo a autora, o poema da nostalgia por excelência e é um dos analisadores sobre a qual ela debruça-se na obra.

Como alguém reconhece uma ilha como sendo a sua? - questiona Barbara Cassin. O reconhecimento de um lugar como seu, o sentimento de pertencimento, é possível onde o sujeito se sente reconhecido. Em Odisseia, acontece que acaba o poema, mas a jornada de Ulisses não acaba. Depois de ser finalmente reconhecido por Penélope, sua amada, ele precisa partir de novo em breve. Essa é uma parte frequentemente esquecida, diz a autora: “o retorno de Ulisses ainda não acabou, e esse “ainda não” é, a meu ver, precisamente o tempo da nostalgia”.

Podemos relacionar aqui esse sentimento de pertença com *fazer casa*. Construir/ reconstruir aqueles fios que fomos tramando nos enlances com o outro. Eliana Betancourt, no livro *Psicanálise Afora*, cujo título do capítulo é *Um país chamado psicanálise*, fala do quanto, na sua situação de migração, achar pares com quem continuar sua formação psicanalítica foi importantíssimo. Pois para mim isso também foi fundamental quando da minha chegada aos Estados Unidos e está sendo no retorno ao Brasil. Retorno ao país, mas em outros pagos, não mais em terras gaúchas. Em solo paraibano a construção do meu lugar passa por exercer meu ofício e sabemos o quanto o fazer clínico nos exige uma inscrição na cidade. Em muitos sentidos, meu retorno não foi para o mesmo!

Dessa experiência recolho o quanto o encontro com o diferente nos leva a refazer e a reafirmar certas escolhas. Como coloca Inês Catão: “A extimidade constitutiva do sujeito se mostra com maior vigor em algumas experiências da vida, como a vivência em uma língua estrangeira.” Nas chegadas e partidas vamos criando diferentes versões de nós mesmos. Trata-se, de alguma forma, de *arriscar-se a não ser você mesmo*, o que pode ser bastante potente, como desenvolve Anne Dufourmantelle em *Elogio ao risco*.

Travessias de longas distâncias não se faz só. Se naquela feita no divã contamos com o analista, nesta, em terras alhures, também me parece importante estar acompanhado. Não é à toa que *sair da casinha* é uma expressão popular comumente usada para se referir àqueles que expressam algum sofrimento psíquico.

Divido com vocês um poema escrito nessas idas e vindas da minha terra natal. Porque a escrita pode ser uma dessas companhias essenciais na jornada da vida.

Trajetos

Os trajetos da cidade natal

Eu não esqueço

Os rastros deixados na saída da cidade natal

Acompanham-me

Os traçados formados nos deslocamentos desde a cidade natal

Compõem-me

Os trajetos deixam rastros formando traçados

Ora forma, ora esboço

Reinvento-me

Referências Bibliográficas:

BETANCOURT, Eliana dos Reis. Um país chamado psicanálise. In: BETANCOURT, Eliana e ANCONI, Mariana (orgs). *Psicanálise Afora: percurso e clínica de psicanalistas brasileiros no estrangeiro*. São Paulo: Blucher, 2021.

CATÃO, Inês. Estrangeiro na própria língua: Lisboa revisitada. In: BETANCOURT, Eliana e ANCONI, Mariana (orgs). *Psicanálise Afora: percurso e clínica de psicanalistas brasileiros no estrangeiro*. São Paulo: Blucher, 2021.

CASSIN, Barbara. *Nostalgia. When are we ever at home*. Fordham University Press: New York, 2016.

Dufourmantelle, Anne. *In Praise of Risk*. Fordham University Press: New York, 2019.

Autor: Mariana Hollweg Dias

Mariana Hollweg Dias é psicanalista - APPOA.

[1] Correio da APPOA, n.325, de outubro de 2022, com o título: *Notas de uma psicanalista brasileira nos Estados Unidos*.

[2] Ressalvo que nome e dados do caso foram alterados a fim de preservar o sigilo.

